

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA BATISTA

ESCOLAS E CIGANOS - UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA
NA COMUNIDADE PIRESINA

PIRES DO RIO (GO)

2019

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA BATISTA

**ESCOLAS E CIGANOS - UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA
NA COMUNIDADE PIRESINA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Pires do Rio, como requisito de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Me. Ademir Divino Vaz.

PIRES DO RIO (GO)

2019

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

BB333e

Batista, Carlos

Escolas e ciganos - uma abordagem geográfica na comunidade
piresina / Carlos Batista; orientador Ademir Vaz. -- Pires do Rio, 2019.
51 p.

Graduação - Geografia -- Câmpus-Pires do Rio, Universidade Estadual de
Goiás, 2019.

1. Estudos Étnicos. 2. Representações Sociais. 3. Espaço Escolar. 4.
Ciganos. I. Vaz, Ademir, orient. II. Título.

Dedico este Projeto de Conclusão de Curso para minha avó, minha mãe e irmã, ao namorado, e aos meus professores, que me encorajaram nesta jornada e que entenderam a minha ausência em determinados momentos nesses quatro anos de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sabedoria, força, fé, dedicação, paciência e compreensão.

A minha família (mãe, irmã, vó, primas) pela atenção, pela compreensão e pela ajuda em alguns momentos da pesquisa. Quero agradecer ao esposo pela companhia, pelas vezes que eu ia dormir de madrugada e ele ficava meio impaciente, mas estava sempre me incentivando e dizendo que já estava acabando.

Nesta caminhada agradeço todos meus colegas que chegaram até o fim juntos, e não posso deixar de falar um pouco de cada um deles. Axielle, uma menina mãe, dedicada, gosta de chegar atrasada nas aulas e quem quiser filhotes de cachorro ela é a pessoa certa, de vez em outra vende seus filhotes. Matheus, esse rapaz também é estudioso, dedicado, mais quieto no canto dele, também gosta de chegar atrasado, sendo um amigão para qualquer hora. Phablo, este rapaz pai, dedicado, é o famoso sabe tudo um pouco, tudo que você fala ele sabe um pouco sobre o assunto, e caso precise de algo ele também sempre vai ajudar.

Lucas, este rapaz no início de tudo ele era difícil de se lidar, era muito explosivo, houve mudanças, agora é um companheiro para toda hora, chamou ele vai. Maykon, este moço é o “bipolar” da sala, tem dias que ele chega todo feliz, nos contagiando com sua alegria, comunicativo, mas tem dias que chegava de cara feia, emburrado, nestes dias mal podia falar com ele. Jéssyca Cássia, essa amiga é a mais centrada da sala, sempre lendo seus livros, dedicada, estudiosa, muito família, e pode se profissionalizar em outras duas profissões, psicóloga pois sempre que alguém precisava de palavras de conforto ela está ali, e também massagista, aqueles dedinhos ali fazem milagres.

Ely, este moço é o Rei do Gado, nosso fazendeiro, dedicado, pouco “voador”, outro que se chamar ele ajuda, e sempre paga lanches para nós. Leonardo, este rapaz digamos que seja uma caixa de surpresas, dele nunca se sabe o que vai sair, muito dedicado, inteligente, sarcástico, adora fazer cara de deboche é assim um amigão.

Por fim a Jéssica Maria, deixei por último pois essa pessoa se tornou mais do que uma amiga ou colega, nestes anos ela se tornou uma irmã para mim, tanto que tudo em sala de aula só tinha eu e ela, não nos separamos por nada, só quando tinha núcleo livre, aí sim nos separavam. Nossa amizade acabou adentrando em nossas

famílias, tanto que pela mãe dela tenho muita consideração, a irmã também, e o mesmo da minha família com ela. Uns dois anos mais ou menos eu sempre levava ela depois da faculdade e deixava em casa, sua família confiaram em mim para deixá-la em segurança em casa. Uma pessoa estudiosa, pouco estressada, ansiosa, nervosa as vezes, meiga, delicada, mas não seria a mesma sem estas qualidades, adoro demais.

Quero agradecer aos meus colegas que não chegaram até o fim conosco, mas de certa forma passaram em nossas vidas acadêmicas, como: a Sandra, André, Rosana, Mylena, Keith, entre outros.

Agradecer aos meus professores de banca, ao meu professor orientador Ademir, as professoras avaliadoras Cristiane e Marise, foi uma honra tê-los como professores e por estarem comigo nesta etapa final, sabendo que cada um deles me ajudaram de alguma forma nestes últimos quatro anos.

E assim agradecer claro, os professores que tiveram dedicação, paciência, compromisso, tempo, para nos ensinar e nos transferir um pouco de seus conhecimentos, com o intuito de nos ajudar a formar e sermos ótimos profissionais. Dentre eles: Ademir, Marise, Cristiane, Cleusa, Silas, Claudionor, Júlio Cesar, Marajá, Lázaro, Marcos, Fábio, Luene, Juliana, Maria Eni, Socorro, Julimar, Neire, Sandro. Todos estes professores de certa forma me ajudaram com seus saberes, e vou levar o máximo dos seus ensinamentos comigo.

Muito obrigado; Muito obrigado; Muito obrigado.

“Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro”.

(Milton Santos)

RESUMO

Esta pesquisa centra-se, no campo relativo à integração escolar da população cigana. Diante dos pressupostos da pesquisa procura-se entender como se dá a relação entre os ciganos e não ciganos na escola, no município de Pires do Rio, diante esta relação surge-se determinadas problematizações, pois até quando garantir o acesso à educação ao público cigano se tornará um desafio, como se dá a convivência na escola entre os alunos ciganos e não ciganos. Objetiva-se em geral compreender a inserção de alunos Ciganos na Escola de Pires do Rio-Goiás. A metodologia de pesquisa constituiu-se na pesquisa bibliográfica, com positivas técnicas para fornecer ao pesquisador a bagagem teórica; a utilização da pesquisa de campo, usada para extrair dados e informações diretamente da realidade com a utilização de técnicas de coleta. Também foi aplicado questionários aos alunos ciganos e não ciganos e também para professores das determinadas instituições de ensino. Tendo em vista que a Geografia tem como objetivo estudar a relação do homem em seu meio – o espaço geográfico, e entendendo que esse espaço é também constituído por relações sociais, naturais, culturais, econômicas e políticas busca-se por meio dessa pesquisa compreender as relações e/ou conflitos étnicos no ambiente escolar. A pesquisa é de grande importância para os sujeitos envolvidos na pesquisa, como: ciganos, alunos não ciganos e gestores de escola, pois a partir desse trabalho esses sujeitos poderão entender como são construídas as relações entre ciganos e não ciganos na instituição escolar. A presença de crianças ciganas no ambiente escolar com seus desafios e/ou oportunidades se torna temática de estudo para geografia enquanto ciência social.

Palavras-chave: Ciganos. Espaço Escolar. Representações Sociais. Estudos Étnicos.

ABSTRACT

This research focus in the field concerning the school integration of the gypsy population. Given the assumptions of the research we seek to understand how the relationship between gypsies and non-gypsies occurs at school, in the municipality of Pires do Rio, given this relationship arises certain problematizations, because until when to ensure access to education for the gypsy public will become a challenge, as is the living together in school between gypsy and non-gypsy students. This undergraduate thesis aims to comprehend the insertion of gypsy students of the school in Pires do Rio – Goiás. The research methodology consisted of bibliographic research, with positive techniques to provide the researcher with theoretical background; the use of field research, used to extract data and information directly from reality with the use of collection techniques. Questionnaires were also applied to gypsy and non-gypsy students and also to the coordination of certain educational institutions. Considering that Geography aims to study the relation of man in his environment - the geographical space, and understanding that this space is also constituted by social, natural, cultural, economic and political relations, this research seeks to understand the relations and / or ethnic conflicts in the school environment. The research is of great importance to the people involved in the research, such as: gypsies, non-gypsy students and school managers, because from this work these people will be able to understand how the relationships between gypsies and non-gypsies are built in the school institution. Therefore, the presence of gypsy children in the school environment with their challenges and / or opportunities becomes thematic study for Geography as a social science.

Keywords: Gypsies. School Space. Social Representations. Ethnic Studies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1 - Quantidade aproximada de ciganos do grupo Calon por região	22
MAPA 2 - Localização do município de Pires do Rio-GO	37
FOTO 1 – Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud	38
FOTO 2 – Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud	38
FOTO 3 – Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud	39
FOTO 4 – Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud	39
FOTO 5 – Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha	41
FOTO 6 – Escola Sebastião Antônio Leite	41

LISTA DE SIGLAS

SEPPIR - Secretaria de Políticas Públicas de Igualdade Racial	23
SID/MinC - Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura	25
IMB - Instituto Mauro Borges	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O Povo Cigano	17
1.1 Origem de um Povo Itinerante e Reflexões sobre a Cultura Cigana	17
1.2 O Povo Cigano no Brasil	21
1.3 Da Invisibilidade à Conquista de Direitos	24
2 A Geografia e os Estudos Étnicos	27
2.1 O ensino de Geografia no mundo globalizado	27
2.2 Interculturalidade no ambiente escolar	32
3 Os Ciganos de Pires do Rio e a Escola	35
3.1 A Comunidade Cigana em Pires do Rio – GO	35
3.2 Os Alunos Ciganos e não-ciganos no Ambiente Escolar	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho centra-se, no campo de pesquisa relativo à integração escolar da população cigana e busca entender as relações constituídas entre os alunos ciganos e não ciganos na instituição escolar.

Por muito tempo, o povo cigano foram desconsiderados e menosprezados, sofrendo de invisibilidade social. Por disporem de culturas diferentes das demais sociedades, é vista como um grupo étnico que não se adequa aos paradigmas socioculturais preponderantes. Desta maneira, as variadas práticas culturais da comunidade étnica cigana acabam-se criando representações que tendem de modo cíclico, a conceber e fortalecer estereótipos negativos.

A pesquisa exposta, busca-se evidenciar as percepções e interpretações resultantes na pesquisa da educação Cigana, fundamentado nos meios pedagógicos como forma de transmissão do saber, nos quais os sujeitos compartilham o conhecimento, símbolos, valores num sistema aberto constituídos pelas crenças e a influência da cultura de cada indivíduo num processo histórico, a inclusão social. Independentemente dos ciganos fazerem parte da sociedade brasileira, sua imagem é vista pela coletividade com um olhar preconceituoso e discriminatório.

Assim, a educação como um todo engloba-se a aplicação de métodos de ensino que tem como finalidade assegurar a formação e o desenvolvimento pessoal e profissional de determinada pessoa. Perante estes pressupostos, a pesquisa compreende em: como se dá a relação entre os alunos ciganos e não ciganos na escola no município de Pires do Rio – GO? À vista disso, surge-se algumas problematizações, dentre elas: até quando garantir o acesso à educação ao público cigano se tornará um desafio?

O objetivo central é analisar e compreender a inserção de crianças e jovens ciganos nas respectivas escolas de Pires do Rio, (e não focar em seu território), ou seja, perceber como o aluno cigano é tratado na escola, se ainda existe discriminação e preconceito no ambiente escolar. E analisar alguns propósitos singulares, como o de distinguir como ocorre essa relação do aluno cigano com o não cigano, observar se os professores destas escolas estão aptos a novas culturas, e também, compreender como a cultura cigana é manifestada na instituição escolar.

Consistindo a Geografia como uma ciência da relação homem/natureza, a geografia cultural busca destacar a importância de conhecer a diversidade étnica, e

as configurações socioculturais desta no espaço.

Com relação ao desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, constituindo positivas técnicas para fornecer ao pesquisador a bagagem teórica, de conhecimento, e o treinamento científico que possibilitou a elaboração desse trabalho.

O desenvolvimento inicial tomado foi a realização da pesquisa de observação direta, visitando as escolas escolhidas para assim saber se possuem matriculados alunos ciganos, seguidamente aplicação dos questionários, para melhor entendimento sobre a relação cigano e a escola. Além do mais, foi empregado nesta pesquisa o método da fenomenologia, buscando e analisando entender os fenômenos presentes da relação ciganos e educação.

A metodologia fenomenológica busca compreender o subjetivo, as essências e não os fatos, ela depende das experiências e reações do indivíduo, para que assim, cada pessoa possa ter ideias diferentes de acordo com suas memórias, experiências, sentimentos e desejos. Uma das características de maior realce dentro da fenomenologia, é a valorização do ser humano tanto individual como coletivo, a mesma, assenta-se subjetividade na intuição e no simbolismo.

Entende-se que a pesquisa no meio acadêmico, é um dos patamares da atividade universitária, onde os alunos ou mesmo pesquisadores, tenham como desígnio produzir conhecimento para determinada disciplina, para que assim, ocorra a melhoria da ciência e para o desenvolvimento social. Nota-se que a pesquisa nunca é neutra, com base em coletas, análises e interpretações de dados, pois a pesquisa na realidade há um desenvolvimento através de um processo que envolve múltiplas fases, desde a formação do problema até a adequação da apresentação dos resultados.

No primeiro capítulo a exposição teórica é fundamentada no povo cigano, e conseqüentemente demonstrando suas origens e reflexões sobre sua cultura, em seguida questões sobre o povo cigano no Brasil, destacando quando vieram para o país, onde se instalaram, entre outros. Da Invisibilidade à conquista de direitos, mostrando as dificuldades encontradas no país, bem como, as humilhações e discriminações sofridas por eles, e seus direitos recebidos tempos depois.

Já o segundo capítulo, a discussão é específica da Geografia e os estudos étnicos, abordando a respeito da humanidade presente na Geografia e fundamentos de sua dimensão espacial, e também em relação a gravidade da diferença étnica e

sua extensão espacial adentrando na interculturalidade no ambiente escolar.

O terceiro capítulo enfoca na comunidade cigana presente no espaço urbano de Pires do Rio-GO, discutindo a parte histórica da cidade. Destacando a chegada dos ciganos na cidade, bem como o local em que estes se concentraram. E assim, a interpretação dos alunos ciganos e não ciganos no ambiente escolar, de modo que se perceba a interação das crianças e adolescentes ciganos com os não ciganos e com seus professores, para assim conter as informações necessárias para ajudar na conclusão da pesquisa.

Com relação à finalização do trabalho monográfico, serão realizadas as considerações finais para enfim apresentar de forma precisa os resultados obtidos. Após as considerações, encontram-se as referências na qual são destacadas as diversas obras utilizadas no decorrer do estudo e por fim os apêndices.

1 O Povo Cigano

O propósito inicial desse capítulo é entender de forma geral, o que vem a ser o povo cigano, a sua origem e sua cultura. Na sequência será objetivo apresentar o Povo Cigano no Brasil e também discorrerá sobre a conquista de seus direitos como cidadãos.

1.1 Origem de um Povo Itinerante e Reflexões sobre a Cultura Cigana

Ao longo dos séculos, apesar de constantemente expostos a múltiplas influências e pressões, os ciganos conseguiram preservar uma identidade própria e demonstrar notável capacidade de adaptação e sobrevivência.

Variados nomes e designações foram anexados há população cigana. Na Grécia apelidavam de *atsingani*, termo oriundo do grego medieval *atinganoi* que significa intocável e outorgado, no século XII a uma seita, cujos seguidores consideravam impuro todo gênero de contato e aproximação com as pessoas que não partilhavam as suas crenças.

A origem do povo cigano é incerta, alguns afirmam que seriam da região do norte da Índia, apelidada como *Gurajati*, que a cerca de mil anos dispersaram-se para muitas regiões do mundo, deixando assim de serem uma população homogênea.

Neste processo de encontro e desencontros, decorrente das viagens, dos percursos, da itinerância dos ciganos, assiste-se ao desenvolvimento de laços de afetividade e solidariedade dentro da própria etnia cigana, em consonância com o prazer pela aventura, pela independência.

Tendo assim uma vida bem diferente das populações sedentárias, eram vistos como inimigos da igreja católica que condenava as práticas como a cartomancia e a leitura das mãos, que além do artesanato, era uma forma de ganhar dinheiro para sobreviverem.

Em séculos passados, eram apontados como sujos, trapaceiros e imorais, e as especificidades de seu modo de vida, bem como suas identidades, eram frequentemente consideradas apenas no campo da ilegalidade.

As oportunidades de ancoragem em múltiplos destinos, foram sendo maximizadas de acordo com as necessidades socioeconômicas do momento decorrente, frequentemente, de períodos turbulentos que atravessam diversos países,

no entanto, das recepções nos locais, ressaltaram apelos quanto a um modo de vida distinto e, em muitos aspectos, opostos às vivências generalizada.

A cultura cigana, em contato com outras culturas, vai assimilando, adaptando, integrando aspectos das culturas majoritárias em que se encontram inseridos. Para a comunidade cigana a cultura é essencial, uma herança cultural, um patrimônio que se transmite de geração em geração, que não é veiculada pela hereditariedade biológica, mas sim pela aprendizagem.

Para o autor Santos (1996, p.23), há duas concepções de cultura, “a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social. A segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, as ideias e crenças de um povo”.

O autor afirma que, embora a primeira concepção de cultura possa ser de modo genérico, é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes, que normalmente partilha de poucas características em comum, seja na organização da sociedade, na forma de produzir o necessário para a sobrevivência ou nas maneiras de ver o mundo.

Já a segunda concepção, está referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como as maneiras como elas existem na vida social. A referência a totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças, sem pensar na sociedade à qual se referem. Ou seja, entende-se neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social. Ambas concepções, levam muitas vezes a entender a cultura como uma realidade fechada, parada, assim, a um esforço de mostrar que a cultura não é algo acabado ou estagnado.

A conjunção da parte histórica cigana é devidamente desconhecida, em virtude de pouca documentação escrita, possivelmente, seja pelo motivo de muitos dos escritores que ainda existem sejam não-ciganos, contudo, registram equívocos de observação, incluindo interpretação e compreensão que represente e compõe essa cultura. Vaz (2010, p.21) relata:

Percebe-se que as pesquisas até agora realizadas no Brasil provam a existência de ciganos no país desde o século XVI. Porém, não existem dados oficiais sobre o número de ciganos no Brasil, nem sobre a sua distribuição geográfica, o que existem são apenas estimativas.

Assim, a tradição oral cigana e os registros historiográficos nos contam sobre o início desta dispersão em terras europeias, quando, os ciganos, afirmaram ser

crístãos exilados do pequeno Egito, sua pátria de origem. De acordo com Santos (2002, p.19):

Chegaram ao mundo germânico entre 1407 e 1416, e na Bélgica a partir de 1420, liderados sempre por homens com algum auto atributo, possuindo em alguns casos títulos de nobreza, apresentando-se como peregrinos ou pertinentes, tendo cartas de apresentação e salvo-condutos de reis, príncipes e nobres, e até salvo-conduto dados por Papas, nos quais pediam que a população desse aos grupos ciganos a melhor acolhida, hospedagem gratuita, alimentação e dinheiro.

Muitos têm o dialeto, profissão ou apenas a única opção pela vida itinerante. Como sendo um povo de grande número, acabaram-se espalhando pelos cinco continentes, o que talvez tenham em comum seja uma longa história intercalada pelo preconceito, discriminação, rejeição, entre outros.

A vida nômade dos ciganos é um fator que têm dificultado a determinação de sua origem social e étnica. Fonseca (1996, p.5) discorre que, “normalmente os ciganos não se interessa pela história do seu povo, a memória mais antiga está depositada na pessoa mais velha do grupo”.

As relações interculturais que os ciganos foram conquistando por onde passavam forçaram alterações no uso de seu idioma, o *Romaní*¹, chega-se ao ponto de alguns grupos terem perdido completamente seu uso.

Assim, em séculos passados, acreditaram que a língua já não se constituía um indicador seguro de identidade étnica. Por isso, buscou-se por meio da antropologia física, realizar estudos antropométricos dos ciganos. Antropometria sendo o conjunto de técnicas utilizadas para medição do corpo humano ou suas partes. Simões (2007, p.30) afirma que:

Ela foi utilizada durante o Holocausto com vistas à classificação racial. Dessa classificação foi que foram selecionadas as populações que deveriam ser eliminadas em nome do ideal nazista de uma “raça” pura. Dessa forma a antropometria pode se constituir tanto em uma excelente aliada para pesquisas no campo da saúde, como por exemplo: no caso de desnutrição bem como para que se estabeleçam processos de exclusão, perseguição e extermínio.

¹ Relativo a ou língua indo-europeia dos ciganos do Oriente e da Europa, constituída por um conjunto de dialetos.

Até os dias atuais, não foi possível descobrir quais foram os verdadeiros motivos e circunstâncias que resultou na migração e na disseminação dos ciganos para diversas partes do mundo.

A própria convivência dos ciganos com múltiplas culturas, influências linguísticas, demográficas e históricas, têm se constituído num elemento que dificulta saber a verdadeira composição étnica. Segundo Melucci (2001, p.35) um grupo étnico pode ser entendido como:

Um conjunto de elementos biológico-hereditários e por uma tradição histórico-cultural: por certos traços somáticos e raciais, como por uma cultura e por formas específicas de organização das relações sociais e por autoafirmação dessas diferenças.

O povo cigano, enquanto um grupo étnico, possui determinadas características: a utilização do idioma Romaní, o nomadismo, seus ritos e mitos.

O autor Vaz (2010, p.16) ressalta o seguinte sobre a cultura cigana:

O amor à liberdade, à natureza, e a sabedoria de viver representada por um conjunto de tradições e crenças, fazem parte de uma cultura fascinante e polemica de um povo amante da música, das cores alegres e da dança. Tais características são inerentes à cultura cigana. Para esse povo o importante é o momento presente.

A família é uma instituição importante para os Ciganos, sendo a primeira instituição educativa, ou seja, é a família que ensina a criança conhecer o seu corpo, a língua, as relações com as pessoas e objetos, os valores e atitudes, as tradições e os costumes. E a escola?

Mesmo alguns sabendo que a escola é uma instituição de socialização/integração da cultura, de modo que a criança ao entrar para escola será portadora de saberes, fruto de experiências herdadas pelas gerações adultas do grupo, os pais ciganos preferem que seus filhos absorvam toda forma de conhecimento cultural, social de suas próprias origens, do modo tradicional, a própria família cigana fica encarregada destes papéis educativos.

Após essas primeiras reflexões será objetivo a seguir dialogar sobre os Ciganos no Brasil.

1.2 O Povo Cigano no Brasil

Os ciganos estão historicamente divididos no Brasil e no mundo, por terem trajetórias diferenciadas, formas e estilos de vida diversos e por falarem dialetos diferentes. Os Ciganos estão divididos em ramificações de três etnias distintas, os Calons, Roms e Sintis, dois estão no Brasil: os Calons, ou ciganos ditos brasileiros, com a chegada no Brasil entre os séculos XVI e XIX, e também os Roms, que vieram para o país a partir de 1822, tendo destaque no século XX.

Na etnicidade do grupo Calon as maiores características são: o estilo de vida, a língua e as relações de parentesco. A etnicidade, nada mais é que o conjunto de características comuns a um determinado grupo de pessoas, que as diferenciam de outro grupo. Essas características incluem a língua, a cultura e também a noção de uma origem comum.

O grupo os Calon, pois foram os primeiros Ciganos a comparecerem no Brasil, como refugiados de Portugal. De acordo com pesquisas bibliográficas, observa-se que a etnicidade do Calon, que hoje habita o Brasil, abrange as influências obtidas de sua passagem pela Turquia, Grécia, Espanha e Portugal. Perante a esta etnicidade do grupo Calon as maiores peculiaridades são: o estilo de vida, a língua, as relações de parentesco e o comércio de cavalos. No Brasil, esse grupo, está presente em todas as regiões (Mapa 1).

Os obstáculos da etnicidade Calon, localiza-se em quatro dimensões, a primeira sendo a problemática social: as desigualdades sociais e a falta de políticas de inclusão; a segunda a problemática cultural, a língua, os valores e crenças religiosas, as tradições culturais e os estilos de vida e as relações de parentesco que são muito diversas de família para família.

A terceira dimensão é a problemática política, que envolve a falta de organização interna da comunidade face ao meio não cigano e a falta de autoridade interna nos dias de hoje; e pôr fim a quarta problemática, do pluralismo, de modo que os Calons de diversas regiões não se reconhecem como indivíduos de uma mesma etnia.

Nas pesquisas, ainda, observa-se também, que a etnicidade dos Roms, engloba um número bem maior de influências. E estas influências, foram absorvidas em regiões pelas quais passaram, antes de chegarem ao Brasil.



MAPA 1: Quantidade aproximada de ciganos do grupo Calon por região.

FONTE: http://www.embaixdacigana.org.br/etnicidades_ciganas_no_brasil.html

Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

Uma característica forte da etnicidade dos Roms tem a ver com o fato de que eles se organizam em subgrupos de origem histórica e geográfica, completamente diferentes entre si denominados *natsias* (nações).

O Brasil, ainda, não dispõe de dados oficiais que mostrem a totalidade da população cigana no país, acredita-se que esta população de ciganos no Brasil passe de 300 mil.

Dentre as práticas de sofrimento do povo cigano, destaca-se a falta de infraestrutura adequada nos locais onde residem; dificuldade para ter acesso aos programas sociais e também o inserir dos filhos em escolas públicas; além de serem submetidos a cenas que se tornam atuais e constantes de discriminação e violência.

Assim, à medida que o processo de urbanização foi agregando-se no Brasil durante o século XIX, acompanhado pelo discurso de civilização e do progresso, os ciganos foram cada vez mais sendo segregados do espaço urbano, razão qual as autoridades queriam tê-los ou mantê-los o mais distante possível, tanto na periferia, ou até mesmo fora do perímetro urbano. Vaz (2010, p.64) relata sobre o espaço urbano:

Espaço urbano é cheio de história, da história dos grupos sociais e dos homens particularizados em sua busca pela sobrevivência, em suas relações, marcadas pelas formas de economia, pelas determinações políticas e pelas condições da natureza. O espaço urbano não é neutro, ao ser cheio de história ela marca as diferenças e contradições da sociedade, incorporando na análise o diferente, as características específicas, o que é condição para que se compreenda a realidade.

Nos últimos anos algumas ações governamentais foram implantadas no Brasil a favor das comunidades ciganas. Desde 2007, eles são protegidos pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Devidamente com direito ao cartão nacional de saúde, que lhes permitem acesso a toda unidade pública de saúde, e são objetos de portarias estabelecendo que, em caso de população cigana nômade interessada em se cadastrar nestes postos, não é obrigatório o fornecimento do endereço de domicílio permanente nem de um marcador específico.

Fatores que levam as saídas de ciganos de uma determinada área, estão relacionadas a múltiplas questões, relacionados às expulsões policiais e mortes ocorridas dentro dos próprios acampamentos. Assim, por meio da Secretaria de Políticas Públicas de Igualdade Racial (SEPPIR), os ciganos reclamam que frequentemente são expulsos dos municípios onde se instalam por iniciativas que muitas vezes envolvem as próprias prefeituras.

No Brasil, os acampamentos ciganos encontram-se em 291 municípios, localizados em 21 estados. No Brasil há informações de grupos ciganos espalhados por vários estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, entre

outros. Em Goiás encontra-se tais grupos Ciganos em algumas cidades, como Caldas Novas, Ipameri, Pires do Rio, e Trindade.

1.3 Da Invisibilidade à Conquista de Direitos

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, não contém artigo ou inciso que trate especificamente da minoria cigana, aos ciganos que aqui nasceram, também lhes é assegurado os mesmos direitos de qualquer cidadão brasileiro.

Perante este sentido Simões (2007, p.61): “Constituição traz as seguintes disposições; Cap. I Art. 5º, “todos são iguais perante a lei, sem restrições de qualquer natureza garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros, residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, igualdade, à segurança e à propriedade”.

Este artigo, no que diz respeito aos ciganos e às outras minorias étnicas, vem sendo de certa forma negligenciado, percebe-se que o que está escrito, na prática ocorre de forma completamente diferente. Simões (2007, p.61), afirma que:

Para os ciganos, questões como, igualdade e propriedade sempre foram de pouca importância. Na verdade, a liberdade é o que se constitui para eles em um valor imensurável, como eles próprios costumam expressar ao afirmarem que sua liberdade não tem preço.

Perante este motivo, é que os ciganos não admitem a simples possibilidade de estabelecerem um vínculo empregatício maior com quem quer que seja. No máximo, em alguns períodos, eles realizam trabalhos sazonais, nesse sentido, pode ocorrer que o trabalho com vínculo empregatício, possa se configurar como prisão.

Na concepção de alguns Ciganos, qualquer pessoa que seja, ao estabelecer um contrato de trabalho, passa a ser subordinada a outra pessoa, no caso um chefe, além de ficar preso aos horários, disciplina, ambientes, atividades específicas, salário, dentre outros.

A demanda por território, idealizada a partir de representantes ciganos com o Governo, não possui as mesmas características, por exemplo, da dos indígenas. Os ciganos por terem a tradição nômade, dificilmente reivindicariam um espaço definitivo de moradia, pois, em sua ideologia, sua casa é o mundo.

O que os ciganos tinham em mente, era que em cidades com população superior a 200 mil pessoas, fossem demarcadas algumas áreas pelas prefeituras,

para que os grupos nômades pudessem permanecer por um determinado tempo. Estes locais deveriam conter uma infraestrutura mínima, tais como: instalações sanitárias, elétricas, água, áreas coletivas de cozinha e lavanderia, além de telefone público.

A insegurança dos acampamentos, as constantes perseguições de fiscais municipais, a vigilância sanitária e a polícia têm sido uma ameaça a um hábito milenar que é o nomadismo. China (1936, p. 77) adverte:

Assim era há anos. Hoje, é o mesmo. Seus costumes persistem. Apenas mudaram de habitat. Alheios a civilização e progresso expulsaram-nos, com suas violências iníquas, mais para o fundo, além dos sertões paulistas, para Mato Grosso, para Goiás, para Minas. Repetiu-se e repete-se ainda, o crime que os afugentou, nos tempos da escravidão, do jugo lusitano, fugiram dos índios, de medo das cadeias pós-coloniais os autóctones para os confins dos sertões.

Normalmente, ocorre em alguns grupos ciganos o aluguel de uma área. A fim de garantirem sua segurança, ao chegarem em um local novo, alugam um terreno, dessa forma, além de um pouco mais resguardados, ficam livres dos incômodos causados pelos órgãos de fiscalização e repressão.

Quando se trata de ciganos com situações economicamente vulneráveis, as dificuldades se tornam ainda maiores, pois, além de terem que lidar com a insegurança, na maioria das vezes ficam sem água, sem luz e sem ter onde realizarem suas necessidades fisiológicas. Poucas vezes, conseguem negociar com os moradores a compra de água, e muitas vezes até de energia.

Em 2006 o Ministério da Cultura, criou a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), que tem por objetivo, promover o diálogo e o debate com diversificados segmentos representativos da diversidade cultural brasileira. Essa Secretaria deu início a um processo de interlocução com diversos grupos que constituem o patrimônio cultural do Brasil, dentre eles destaca-se os ciganos.

Outra medida adotada pelo MinC, foi a instituição do dia 24 de maio como Dia Nacional do Cigano, o dia 24 de maio é o dia consagrado em todo o mundo pelos ciganos à Santa Sara. Simões (2007, p.65), relata que, “O decreto foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006, em reconhecimento à importância da etnia cigana no processo de formação do patrimônio histórico e cultural do Brasil”.

É bom ressaltar que no Brasil, os ciganos enfrentam muitos problemas relativos a preconceito. Também se deparam com múltiplos obstáculos de acessibilidade a documentos de identificação civil obrigatórios, à saúde pública, ao ensino e à permanência na escola. Além disso, persistem as dificuldades no que diz respeito à inclusão social e cultural e à preservação das tradições, e das práticas culturais.

Um ponto de grande importância, é que dentro das mediações do governo brasileiro com os representantes ciganos, obteve-se a proposta de produzir materiais informativos sobre programas sociais, aos quais o povo cigano tem direito, dentre eles: cursos profissionalizantes, estímulo à formação de cooperativas e principalmente a implantação de programas de alfabetização e escolarização infantil e adulta.

A questão da escolarização é um ponto crítico em relação às culturas ciganas. Para alguns autores e pesquisadores, a dificuldade de acesso e permanência dos ciganos na escola se deve em parte, pela falta de preparo das instituições escolares; currículos elaborados a partir de uma concepção monocultural e o despreparo dos professores em lidarem com as diferenças.

No Brasil, grande parte dos ciganos ainda continuam com certa invisibilidade, por conta disto não é de admirar que haja falta de compromisso do Estado para enfrentar as questões relacionadas a área da educação, junto a essa população, Candau (2003, p. 53), sugere que:

É importante que se opere com um conceito dinâmico e histórico de cultura, capaz de integrar as raízes históricas e as novas configurações, evitando uma visão das culturas como universos fechados e em busca do “puro”, do “autêntico” e do “genuíno”, como uma essência preestabelecida e um dado que não está em contínuo movimento.

Para Ferreira (2003 apud Simões, 2007, p. 68), o que os Ciganos precisam é que, “durante sua curta permanência na escola, eles e sua cultura sejam respeitados”.

No próximo capítulo será objetivo apresentar como a Geografia pode e deve realizar estudos étnicos.

2 A Geografia e os Estudos Étnicos

Observa-se, nos últimos anos, no campo da Geografia, um maior interesse a respeito de temas como: população negra, indígenas, quilombolas, ciganos e outros grupos étnicos. Mas, como a Geografia pode e deve realizar seus trabalhos, por meio de pesquisas e no ensino, suas abordagens étnicas no mundo globalizado?

O capítulo em questão pretende responder essa pergunta. No decorrer do capítulo destacará como a geografia contribui para a formação de cidadãos críticos, com ampla visão de mundo e capazes de refletir sobre assuntos pertinentes da atualidade.

2.1 O ensino de Geografia no mundo globalizado

Pode-se dizer que o mundo de hoje possui peculiaridades que se expressa de uma dimensão espacial, a **globalização**. Para Cavalcanti (2006, p.28), a globalização é entendida como:

Um fenômeno de eliminação de fronteiras entre os países de todo o mundo, que afeta múltiplos campos: cultural, tecnológico, social, econômico etc., e que traz como consequência a construção de espaços de relações integradas.

Como a globalização é um processo que abrange escalas de complexidade e de variedades, muitos países acabam efetivamente participando, mas não de modo generalizado. Assim, ocorre esta participação de modos diversificados, o que contribui para a integração ou não dos espaços.

A globalização e sua experiência indaga dois elementos paradoxais, de um lado, a homogeneização dos espaços juntamente com a sociedade, e de outro lado, o acréscimo das desigualdades, intensificando alguns problemas que podem se tornar globais, como a exclusão social, desigualdades socioeconômicas, a violência, a fragmentação territorial, altas taxas de desemprego e também degradação ambiental.

Perante a atualidade surge outra característica de grande relevância, é a presença das tecnologias da Comunicação e da Informação, pois o mundo de hoje espelha-se em grandes avanços tecnológicos, especificamente nas áreas da comunicação e informação. Cavalcanti (2006, p.29) esclarece pontos interessantes a respeito:

Por um lado, eles permitem a simultaneidade, ou seja, “presenciar” todos os fenômenos e acontecimentos, pois a comunicação ocorre em tempo real. Permitem também colocar “à disposição”, para o mundo, o conhecimento acumulado. Mas, por outro lado, a comunicação de massa tem levado a um processo de homogeneização cultural – como a universalização dos gostos, da alimentação, dos hábitos de consumo, do lazer, dos modelos de vida social; à democratização da ideia de consumo, do ideal de consumo.

Com a abertura das **tecnologias**, acaba-se criando entre as pessoas um modo de vivenciamento a realidade deixando-as mais próximas, extinguindo assim familiaridades antes impossíveis entre determinados lugares.

Devido a estas tecnologias, fica possível impor estilos de vida internacionais, globais, perante a adesão por cidadãos do mundo inteiro ao consumismo de determinados produtos e serviços que se encontra no marco de um mercado internacional, para a continuidade deste funcionamento do mercado aparece a internet, e todas as outras redes telemáticas como entrada da possibilidade de se estar presente em qualquer lugar do globo terrestre em um só tempo.

Um efeito da globalização encontra-se nas cidades. As cidades são formadas também pela diversidade de grupos, que vem sendo produzida, ordenada de maneiras diversificadas para que seus habitantes, de modo que contenha grupos diferentes, com culturas e condições sociais desiguais.

Esta experiência com a diversidade de culturas amplia a vida no dia a dia das cidades, transformando-as em lugares de manifestações globais, universais e cidades de encontros e de lugares da diferença.

Diante desse contexto é fundamental articular determinados conhecimentos integrados, interdisciplinares, abertos, para abalar a tradição moderna de produção científica. A geografia, em torno deste contexto, tem desenvolvido e assim se tornando uma ciência mais plural. Cavalcante (2006, p.30) reforça essa questão, por meio do objeto de estudo da geografia:

O espaço como objeto da análise geográfica não é aquele da experiência empírica, não é um objeto espacial em si mesmo, mas sim uma abstração, uma construção teórica; o espaço geográfico é concebido, construído intelectualmente como um produto social e histórico, que se constitui em ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação.

Para se ajustar o espaço como categoria numa visão crítica, é preciso analisar a realidade, observando não só as coisas, aos objetos, mas também os processos, esclarecer o valor das mudanças e respeitar a realidade.

Perante a educação geográfica, ocorre-se os conhecimentos da Geografia escolar, de modo que os interesses, atitudes e necessidades sociais e individuais dos alunos se modifica em função dessa nova realidade espacial. Cavalcante (2006, p.32) discorre:

Para que os alunos atendem os espaços de sua vida cotidiana, que se tornaram extremamente complexos, é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local.

A **Geografia escolar**, retrata um grupo de instrumentos simbólicos, conceitos, categorias, teorias, dados, informações e procedimentos, relacionadas ao espaço geográfico. Cavalcante (2006, p.34), afirma que, “neste ponto cabe reafirmar e explicar a importância da Geografia escolar para a formação geral de cidadãos”.

Por conseguinte, para que o aluno aprenda e compreenda a Geografia, não só para adquirir e absorver as informações geográficas disponíveis, no entanto para formar um pensamento espacial, é aceitável que forme concepções geográficas abrangentes. Ainda, de acordo com Cavalcante (2006, p.35):

Alguns conceitos são mais gerais e elementares ao raciocínio geográfico, e no meu entendimento ao estruturadores do espaço geográfico, tornando-se importantes categorias de análise: natureza, lugar, paisagem, região, território, ambiente. Outros conceitos são também relevantes para compor um modo de pensar espacial e para analisar espaços específicos, entre eles estão os de cidade, campo, identidade cultural, degradação ambiental, segregação espacial, e uma infinidade de outros que compõem a linguagem geográfica.

Deste modo, o progresso do pensamento conceitual permite uma mudança na interação do sujeito com o mundo, permitindo-se ao sujeito desenvolver suas experiências, assim, entra o papel da escola e das aulas de Geografia. Os conceitos não se formam nos alunos pela passagem direta de conteúdos e por sua representação, como está fixado em propostas mais tradicionais de ensino, perante este processo é preciso considerar os conceitos das respectivas rotinas dos sujeitos envolvidos.

A globalização seja qual for sua escala de análise, desde a global, circulando pelos territórios dos Estados, até mesmo a local cria-se os desequilíbrios e exclusão social. Michelato e Bragueto (2004, p.263), enfatizam, “sendo o sistema escolar elemento fundamental para a educação, é preciso que os professores tenham em mente, que é de sua responsabilidade, como educadores, ajudar os alunos a entenderem o mundo no qual estão vivendo”.

O ambiente escolar deve ser um local de democratização e de inclusão social e não um recinto de dominação, a escola deve-se resgatar e comprometer-se com o aluno, promover-lhe, além da permanência na escola, situações para superação de suas dificuldades, ofertando condições de aprender a fazer, aprender viver no mundo atual e ainda mais, aprender a se encontrar.

Sabe-se que há muitos autores que tentam explicar o que é globalização, perante as circunstâncias a definição de globalização depende dos conceitos teóricos e políticas que sejam sustentadas. Oliveira (2000, apud Michelato e Bragueto, 2004, p.265) indaga-se a respeito Globalização:

Tal perspectiva introduz no enfoque da globalização a dimensão tempo-espaço, na medida em que estabelece uma interconexão e interdependência entre os eventos em suas diferentes escalas – do local ao global – cujas relações não necessariamente precisam ser mediadas pelo nível do Estado-nação. Desse modo, as transformações locais só parte do processo de globalização, bem como ajudam a explicá-lo ao nível global. A globalização é, assim, para Anthony Giddens, um processo multicausal e multisustentado, pleno de contingências e incertezas, ao mesmo tempo em que é um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena.

A globalização aponta tendências de que forças hegemônicas da economia, política e da cultura optem por lugares que considerem mais favoráveis à sua produção plena. Estas forças hegemônicas globais tem um imenso impacto na vida nacional, induzindo a política, conseqüentemente, a vida social, e é viável verificar que a globalização acaba tendo intervenção sobre todos os aspectos da realidade.

Assim, ela não se investiga de modo hegemônico, e sim, cria dessemelhanças. Segundo Santos (2000, apud Michelato e Bragueto, p.266) “os indivíduos não são igualmente atingidos por esse fenômeno, cuja difusão encontra obstáculos na diversidade dos lugares. Na realidade, a globalização agrava a heterogeneidade, dando-lhe mesmo caráter ainda mais estrutural”.

Devido a esta heterogeneidade, de modo que agrava as desigualdades sociais e transporta a dispersão da pobreza no planeta, Sachs (1996, apud Michelato e Bragueto, p.266) destaca:

A abertura das economias foi excessiva e aumentou o fosso entre ricos e pobres em todos os países[...] O processo de globalização está produzindo uma massa de excluídos, espalhada não apenas pelas favelas e bairros periféricos das metrópoles do Terceiro Mundo, mas também pelas esquinas de becos de Paris, Nova York e Londres.

A educação deve ser compreendida como uma metodologia, dependendo da proporção que ocorra as transformações, as mesmas afetam a sociedade, os indivíduos vão também se transformando e deixando de lado o conformismo, percorrendo então a serem revolucionários, construtores e renovadores.

Para tal, a escola deve-se pautar pela efetuação de objetivos em uma dupla extensão, isto é, o social e o individual. Os autores Michelato e Bragueto (2004, p.269), destacam que: “como dimensão individual deve-se entender o saber necessário ao autodesenvolvimento do educando, criando nele condições de realizar seu bem estar pessoal, portanto, com a escola oferecendo parte das condições para que possa viver bem”.

Diante disso, o ensino de Geografia deve oportunizar que o aluno argumente e transcreva as suas significações, de acordo com suas particularidades. Deva-se reconsiderar o ensino da Geografia em um ponto de vista diferente daquela que limita a escola à reprodução de vínculo de poder, juntamente com os pais e alunos de diferentes culturas e categorias sociais.

Com o intuito do estudo não se tornar abstrato, é de grande relevância que o docente articule bem as escalas, encaminhando-se do local para o global, caso isso não ocorra, o aluno terá certo bloqueio de compreender a totalidade de um conjunto de problemas espaciais. Segundo os autores Michelato e Bragueto (2004, p.273):

O aluno deve partir de sua realidade para depois criar, no decorrer de sua “etapa” escolar, um conhecimento elaborado de acordo com o que é produzido cientificamente, mas deve-se tomar o cuidado para não cair na tentação de somente passear com os alunos e, assim, tornar as aulas de Geografia agradáveis, pelo fato de estarem saindo do espaço da escola, porém, pouco produtivas em termos de aprendizagem.

Por conseguinte, é preciso que a Geografia defina o que é e como estudar o lugar, aos poucos, de acordo com a competência cognitiva do aluno, para assim ser

capaz de elaborar conceitos e entender que o lugar faz parte do íntegro, e que este íntegro possa ser entendido e estudado baseado no lugar.

2.2 Interculturalidade no ambiente escolar

Durante alguns anos, fenômenos sociais atuaram sem que fossem abordados como questão pelos protagonistas da cena acadêmica, segundo os autores Almeida e Ratts (2003, p.31):

No final dos anos 1970, durante o processo denominado “abertura política” ainda em pleno regime militar, e por toda a década seguinte diversos movimentos sociais passaram a compor o cenário político da nação brasileira. Nesse bojo, as esquerdas, o sindicalismo, os movimentos religiosos de base popular e as associações de bairro passaram à categoria de “objetos de estudo” para algumas ciências humanas. O movimento negro e o movimento indígena (que se configurou nos anos 1980) em determinados contextos urbano, regional ou nacional foram abordados pelas ciências sociais, notoriamente a antropologia.

Movimentos sociais urbanos e rurais, enaltecem o referido estatuto para a Geografia que passava por um procedimento de renovação naquele período. No meio de tantos geógrafos, a questão etnia e raça ficava restrita ao pensar individual de autores ou a elaborações das vertentes mais tradicionalistas expressas nos livros didáticos. Almeida e Ratts (2003, p.32) enfatizam:

Grupos que se afirmavam com índios com um etnônimo próprio, a exemplo dos Tapeba e, posteriormente dos Tremembé, portavam reivindicações de demarcação de terras em parte ocupadas por terceiros. Os grupos negros rurais eram pouco conhecidos no cenário regional, mas as aproximações em curso indicavam que constituíam assentamentos territoriais específicos.

No Brasil, atribuições do Novo Mundo, semelhantemente exótico e misterioso, os índios parecem ter seu devido lugar adequado nas florestas e matas e no passado romântico. Já os negros, se figuram como se estivessem sempre fora do lugar, exceção de respeitáveis redutos como determinadas áreas do Nordeste e do Sudeste.

Nota-se que o índio e o negro, dessa forma mesma no singular e no masculino, mantêm-se como personagens diferenciadas ou além do tempo e no espaço em face do mito de uma democracia racial brasileira. Para Almeida e Ratts (2003, p.33):

Por toda a segunda metade do século XX assistimos ao emergir e ao desenrolar de movimentos protagonizados por grupos étnicos ou raciais. Denominados genericamente conflitos étnicos, esses movimentos têm história, expressão e abrangência diferenciadas.

Certa visibilidade crescente não implica clareza imediata desses fenômenos, e muito menos, inserção de novas políticas que colaborem para a cidadania dos povos e grupos etnicamente diferenciados.

O povo brasileiro marcado por uma diversidade étnica, devido ao processo histórico, inseriu-se no mesmo território, grupos importantes, obtivendo à construção de um país miscigenado com uma unidade marcada pelo antagonismo. No entanto, as diferenças se fixaram, ausentando-se alguns grupos étnicos em situação de desigualdade e os colocando na marginalidade e exclusão social.

Relacionando todos os grupos humanos, é possível presenciar a aplicação de meios pedagógicos como forma de alienação do saber, de certo modo que os sujeitos partilham conhecimentos, símbolos e concepções, nas comunidades modernas, cria-se uma sistematização desse conhecer. A esse respeito, Vaz (2011, p.39), “destaca que a sociedade considera como lócus do conhecimento a Escola, constituindo-se num sistema aberto que passou a fazer parte da superestrutura social, construída pelas crescentes influências da cultura”.

Assim, pensando numa perspectiva intercultural Candau (2003, apud Vaz,2011, p.39) destaca:

A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrenta-los.

Desse modo, pretende-se caracterizar os **tipos de relações presentes entre escola e ciganos**, considerando se as mesmas ocorrem a partir de uma ideia estereotipada da sua cultura e os obstáculos em trabalhar com o diferente ou a partir de um conhecimento interculturalista alarmado com esta diversidade étnica.

A escola como organização social atribui-se para cada grupo atendido configurações variadas conforme suas razões, objetivos, contexto social e também cultural.

Pode-se refletir que as gerações atuais de uma determinada sociedade buscam levantar seu próprio repertório de conhecimentos fundamentados das gerações mais antigas, no qual se forma um conjunto de saberes válidos para viver nesta exposta sociedade, devido a este caso, nota-se talvez uma explicação para o despreço dos Ciganos nas instituições escolares, uma vez que as mesmas não apreciam os conhecimentos tidos como válidos para este grupo social em suas ocorrências de ensino. Desta forma, há uma discordância de objetivos entre escola e Ciganos o que se retrata na relativa distância entre ambos.

E a questão do preconceito as etnias diferentes? Como os ciganos encaram sua presença na escola? E como a escola encara os ciganos?

Vaz (2011, p.42), ao realizar uma pesquisa sobre as Comunidades Ciganas de Pires do Rio e Ipameri destaca a visão de um cigano morador de Pires do Rio sobre a relação cigano e escola:

Senhor Rude disse que nunca estudou e que seus filhos estudam na Escola Sebastião Leite. Um de 15 anos no 5º ano e outro de 11 anos no 4º ano. Ele destaca que seus filhos nunca reclamaram de preconceito. Ele disse que a escola não interfere na cultura cigana e que gosta da escola onde seus filhos estudam.

Ainda, quanto a pesquisa realizada por Vaz (2011) os depoimentos apontados indicam que a maior parte dos pais dos alunos Ciganos encara a escola como instituição que não proporciona o preconceito, no entanto alguns poucos afirmam que ocorre preconceito com seus filhos na escola. Ainda de acordo com Vaz (2011, p.43):

Alguns professores das escolas que atendem os alunos Ciganos afirmaram que as crianças ciganas se excluem durante a permanência na escola. A professora do 5º ano do Colégio Estadual Monsenhor Domingos Pinto de Figueiredo em Ipameri, que atualmente tem dois alunos ciganos (sendo um desistente), disse que os alunos ciganos não têm nenhum interesse e que acha que essa falta de interesse vem da própria cultura cigana.

Examinar as relações étnicas no espaço escolar, questiona-se até que ponto a escola está sendo compreensiva com sua função social quando se apresenta a ser um espaço que preserva a diversidade cultural, responsável pela melhoria da igualdade.

E a situação dos ciganos nas escolas de Pires do Rio? O capítulo a seguir apresentará as relações entre ciganos e não-ciganos na instituição escolar.

3 Os Ciganos de Pires do Rio e a Escola

Neste capítulo será ressaltado um breve histórico da cidade de Pires do Rio – GO, e posteriormente será apresentada a presença da comunidade Cigana nesse espaço urbano.

Posteriormente será objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa realizada na Escola Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha e na Escola Sebastião Antônio Leite, evidenciando assim as representações dos alunos Ciganos e não-ciganos.

3.1 A Comunidade Cigana em Pires do Rio – GO

Sabe-se que Pires do Rio foi fundada em novembro de 1922 perante a inauguração da Estrada de Ferro Goyás, ferrovia esta trazida pelo Cel. Lino Teixeira Sampaio sendo bisneto de Caetano Teixeira de Sampaio, comandante da Guarda Nacional de Santa Cruz de Goiás.

Mas a história de Pires do Rio começa-se um pouco antes, pois no dia 5 de junho de 1922, na sede da fazenda Brejo, residência do casal Lino Teixeira Sampaio e Dona Rozalina Fernandes de Oliveira foi escrita uma escritura pública, segundo Siqueira (2006, apud Oliveira, 2007, p.35):

Foi dito que de suas e espontâneas vontades e sem coação alguma, doam a Estrada de Ferro de Goyás, com (4) alqueires de terreno de campo divididos e demarcados nesta fazenda do “Brejo” conforme consta na planta confeccionada pela dita Estrada de Ferro, bem assim a água necessária ao abastecimento da Estação já edificada dentro destes quatro alqueires. Declaram mais os doadores, que fazem à doação dos referidos terrenos a Estrada de Ferro [...]; cabendo-lhe apenas: dividir o terreno doado em pequenos lotes para que seja dado início a edificação de uma pequena cidade, [...], na edificação de um grupo escolar; não admitir seja construído prédio alguma sem que seja previamente aprovado pela diretoria da Estrada a respectiva planta.

Um pouco antes, em 15 de novembro de 1914 é inaugurado o trecho do leito ferroviário, da Estrada de Ferro, entre as cidades de Ipameri e Roncador, estação localizada à margem esquerda do rio Corumbá. Oliveira (2007, p.35), diz que, “No dia 1º de junho de 1921 iniciou-se a construção da ponte ferroviária sobre o Rio Corumbá,

com estrutura metálica em quatro lances, parte fabricada nos Estados Unidos e parte na Bélgica.

Assim, em 1922 no dia 9 de novembro, inaugura-se a ponte metálica Epitácio Pessoa, com 120 metros de extensão, sobre o rio Corumbá. Neste mesmo dia também inaugurou-se a Estação Ferroviária de Pires do Rio, bem como o povoado que recebeu o mesmo nome da Estação Ferroviária em homenagem ao Ministro da Viação e Obras Públicas, o engenheiro José Pires do Rio, que esteve inspecionando as obras da construção da ferrovia.

Oliveira (2007, p.35) discorre que:

Pires do Rio foi elevada a distrito pela Lei Municipal nº. 66 da Câmara Municipal de Santa Cruz de Goiás, no dia 28 de agosto de 1924. Em 7 de julho de 1930, por força de Lei Estadual nº. 903 foi elevada à categoria de município, que só foi instalado solenemente em 7 de setembro do mesmo ano. Em 1931, por força do decreto-lei 522, no dia 8 de janeiro criou-se a Câmara Municipal de tal município.

Salienta-se que a cidade começou a surgir com a formação do primeiro bairro, que foi o Santa Cecília, situado a leste da estação ferroviária, que atualmente é chamado de “Rua do fogo”. A cidade de Pires do Rio Localiza-se na Mesorregião do Sul Goiano e na Microrregião do Sudeste Goiano, no cruzamento das rodovias GO-020 e GO-030, a uma determinada distância de 142 km da capital Goiânia e 237 km de Brasília, a capital federal.

De acordo com Miranda (2007, p.54):

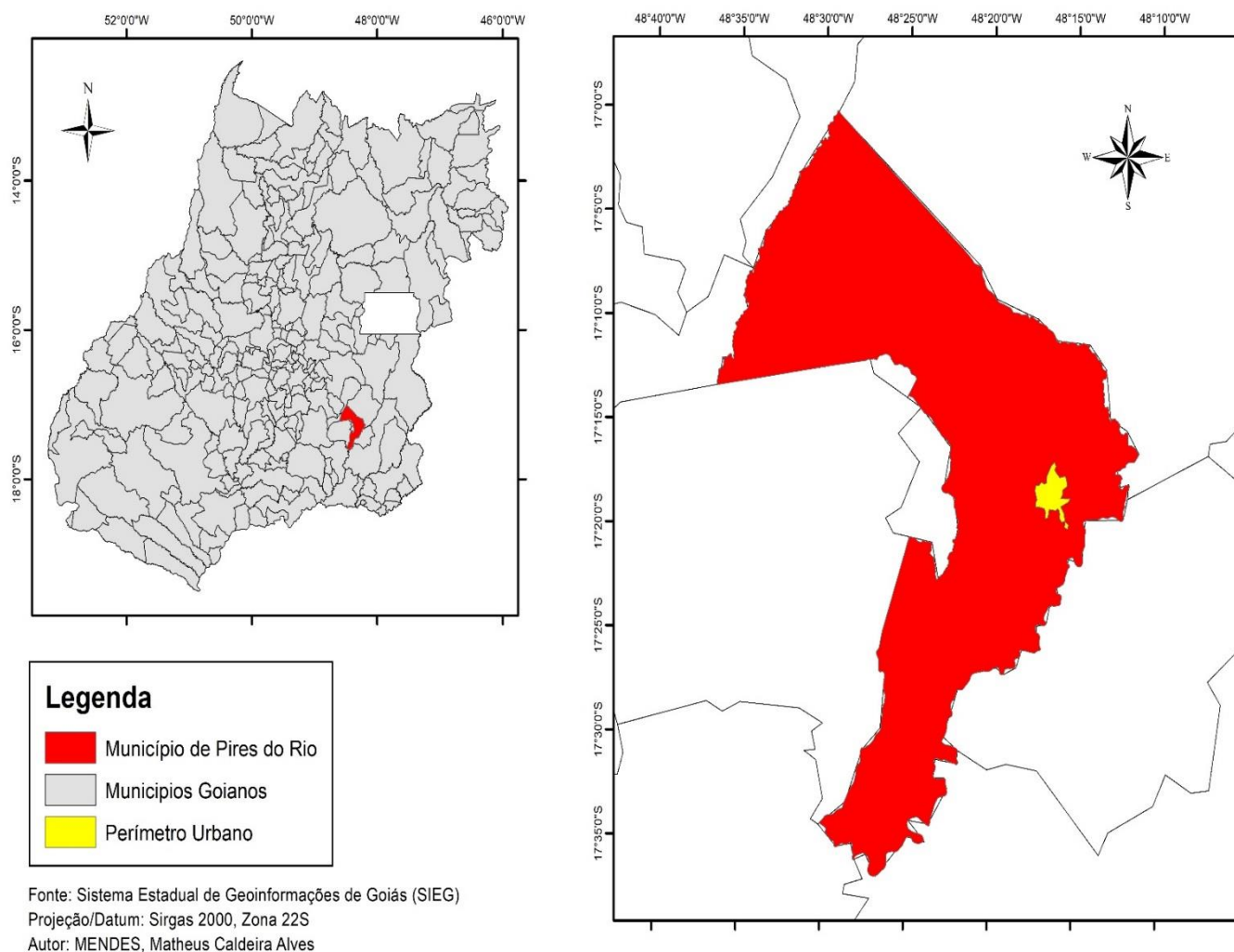
A fazenda do Sampaio (conjunto das fazendas: Brejo, Sumidouro, Marrecos e mais oito propriedades) era conhecida como ponto de pouso de tropeiros. Por sua situação estratégica recebia ilustres convidados que vinham do Rio de Janeiro e de São Paulo, como o Senador Antônio Ramos Caiado (Totó Caiado) que sempre se hospedava na residência de Cel. Sampaio nas suas passagens até a Capital Federal.

O município de Pires do Rio abrange uma área de 1.076 km², concentrando ao norte com os municípios de Orizona e Vianópolis; ao sul com Caldas Novas e Ipameri; a leste com Orizona e Urutaí; a oeste por Caldas Novas, Santa Cruz de Goiás, Palmelo, Cristinópolis e Silvânia (Mapa 2).

Pode-se afirmar que o marco da cidade encontra-se na praça José Cury Nasser, no lugar que está situado o Mercado Municipal de Pires do Rio. No contorno da estação começou a surgir uma essência populacional projetado por Álvaro Sergio

Pacca, a autora Oliveira (2007, p. 37), relata que, “Álvaro Sergio Pacca, desenhista chefe da estrada de ferro Goiás a quem o engenheiro teria dito *você verá que cidade será isto daqui a vinte anos*”.

LOCALIZAÇÃO DE PIRES DO RIO - GOIÁS



MAPA 2: Localização do município de Pires do Rio-GO

FONTE: SIEG, ArcMap

Org.: MENDES, Matheus Caldeira Alves, 2019.

Pode-se observar que a ferrovia impulsionou processos de urbanização e desenvolvimento econômico por onde passou, como foi o caso da cidade de Pires do

Rio. De acordo com o IMB (Instituto Mauro Borges) o município de Pires do Rio possui uma população estimada em 2018 de 31.225 habitantes.

A comunidade cigana em questão, encontra-se localizada na zona urbana do município de Pires do Rio, concentrada no bairro Dr. Nadim Saud (Foto 1, 2, 3, e 4).



Foto 1 - Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud.

Fonte: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.



Foto 2 - Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud.

Fonte: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.



Foto 3 - Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud.

Fonte: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.



Foto 4 - Residência Cigana no Bairro Dr. Nadim Saud.

Fonte: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

O grupo cigano de Pires do Rio é constituído por uma comunidade supostamente do Grupo Kalon que há décadas trilhavam por esta região. De acordo com Oliveira (2007, p. 59), “essa área foi ocupada no início do ano 2000 e em 2007 contava com 12 famílias”.

Nota-se em Pires do Rio, e em variadas outras cidades do mundo, que o cigano se dirige aos bairros mais afastados para morar. Talvez este povo se sente melhor se isolando, ou talvez, seja não só pelo valor do lote, mas também possa ser pela discriminação que sofre por grande parte da sociedade.

Moreira (2007 apud Oliveira, 2007, p.62), relata a fala do cigano sobre esse isolamento, complementando o preconceito:

O cigano era bicho do mato mesmo, quando eles iam para uma cidade. Eles não passavam dentro da cidade. Falava antigamente légua e eles ficava 5 ou 6 léguas para fora da cidade. Eles tinham medo de ir na cidade, medo da população. Eles não sabiam o jeito que ia ser recebido. As véis quando nois passa na rua, uma mãe vê um cigano e fala, meu filho aquele lá é cigano, ele não presta, ele faiz isso, ele faiz aquilo outro. Aquela criança já cresce com aquilo na cabeça e vai passando de geração em geração. No meio dos ciganos tem uns que presta e uns que num vale nada.

Decorre-se nos depoimentos observados, que Pires do Rio para os ciganos, apresenta-se como um lugar tranquilo, mas ao mesmo tempo segregado, através do isolamento dentro da área urbana. Para determinados ciganos, a herança cultural desenvolvida através de múltiplas gerações sempre condiciona e reage depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

A sociedade discrimina o comportamento de pessoas diferentes, de certo modo representando um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural. Além do mais, muitas vezes os ciganos são injustiçados por fatos que não cometeram, outras vezes tenham que conduzir uma culpa por ser diferente.

3.2 Os Alunos Ciganos e não-ciganos no Ambiente Escolar

As crianças da Comunidade Cigana de Pires do Rio estudam em escolas mais próximas do bairro, onde residem, no Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha e na Escola Municipal Sebastião Antônio Leite (Foto 5 e 6).

Nos meses de setembro e outubro de 2019 foi aplicado um questionário junto aos professores, alunos ciganos e não-ciganos dessas Escolas. O objetivo foi entender as relações instituídas entre ciganos e não-ciganos (alunos e professores), o resultado será apresentado nos parágrafos abaixo.

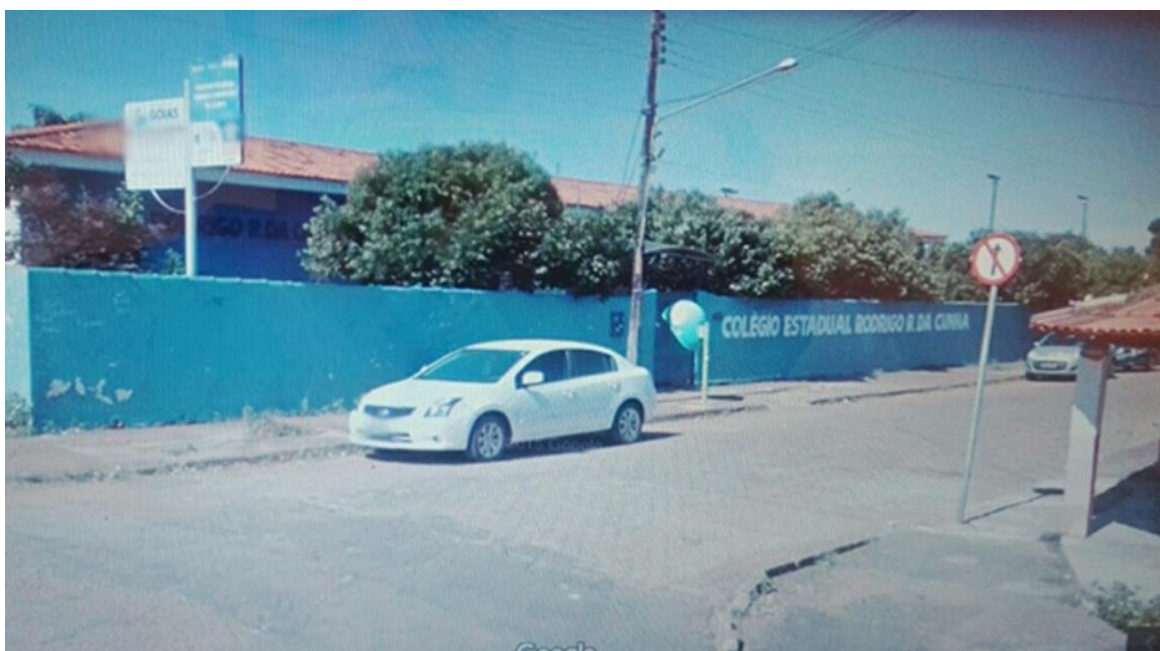


Foto 5 - Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha
Fonte: Google Maps, Street View – maio 2015
Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.



Foto 6 - Escola Sebastião Antônio Leite.
Fonte: Google Maps, Street View – maio 2015
Org.: BATISTA, Carlos Alberto de Oliveira, 2019.

Na Escola Municipal Sebastião Antônio Leite temos dois alunos ciganos no 4º ano do ensino fundamental I, já no Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues encontra-se quatro alunos ciganos matriculados no 6º e 7º ano do ensino fundamental II e no 1º ano do ensino médio.

Em relação aos professores que lecionam em salas com alunos Ciganos, todos concordaram que os alunos ciganos não tem mais dificuldades de aprendizagem que os demais colegas; em relação à disciplina em sala de aula, concordaram que os alunos ciganos não tem mais resistência em obedecer aos professores; também, destacaram que os alunos ciganos não têm dificuldades de entrosamento em relação aos demais colegas não ciganos.

Os professores admitiram que ao observar os alunos, tanto os não-ciganos como os ciganos se tratam com respeito. Os professores reconhecem que precisam estar aptos a novas culturas, para saberem lidar com diferentes culturas que possam ser encontradas dentro de uma sala de aula.

Em relação aos alunos não-ciganos da Escola Sebastião Antônio Leite, a resposta do questionário mostra que eles não têm preconceito algum com seus colegas ciganos.

Contudo em uma das questões, pergunta se eles relacionam com os colegas ciganos em questões como: brincar, fazer tarefas juntos, trocar ideias, igualmente com um colega não cigano, eles disseram que não, ou seja, eles respeitam a cultura do colega cigano, não os criticam por serem desta etnia, mas, não gostam de se aproximarem para terem de certa forma, uma intimidade a mais, como eles têm com outros colegas não ciganos.

Sobre a questão se eles conhecem, ou já ouviram falar sobre a cultura cigana, ambos marcaram “não”.

Prosseguindo, foi aplicado o questionário aos alunos ciganos. Todos marcaram que gostam de frequentar a escola; eles fazem as atividades que as professoras pedem; no ponto que pergunta se algum colega já os trataram com desrespeito por serem ciganos, obteve-se duas respostas. Um redigiu que “sim”, que já sofreu desrespeito e o outro marcou que “não”. No questionário tinha a opção de escreverem quais eram os tipos de desrespeito que sofreram, porém não quiseram transcrever quais foram.

Na questão que pergunta se algum professor já os tratou com falta de educação ou desrespeito por serem desta etnia cigana, marcaram que “não” houve este tipo de atitude vinda de seus professores; outro momento intrigante foi na pergunta que questionava se a cultura cigana é respeitada na escola, e também tivemos duas respostas, um aluno cigano disse que era respeitada “sim”, e o outro aluno disse que “não” era respeitada.

Já quanto ao questionário aplicado aos alunos ciganos e não-ciganos do Colégio Rodrigo Rodrigues da Cunha, os alunos não ciganos, marcaram que “não” tem preconceito com seus colegas ciganos; caso tivessem mais colegas ciganos isto “não” seria problemas e continuariam não tendo este ato de desrespeito.

Todos eles deram “sim” para o quesito de brincarem, fazer tarefas e trabalhos com os alunos ciganos da mesma forma com os não ciganos; do mesmo modo da outra escola, os alunos responderam que “não” conhecem a cultura cigana, mais uma vez, eles respeitam, interagem com os colegas ciganos, mas não conhecem as origens e costumes deste povo.

Em relação aos alunos ciganos, os quatro alunos gostam de ir à escola; três deles responderam que fazem todas as tarefas que os professores pedem, já um disse que “não” faz todas. Também destacaram que “não” ocorreram ações de desrespeito da parte dos professores; também afirmaram que sua cultura e origem cigana é “sim” respeitada na qual escola estudam.

A partir desses questionários foi possível compreender melhor como é a inserção destes alunos ciganos nestas duas escolas. Percebe-se que a relação dos alunos ciganos com os não-ciganos apresenta uma convivência tranquila, pelas respostas obtidas dos seis alunos ciganos, um apenas respondeu que foi tratado com desrespeito por outro colega não cigano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a origem e disseminação pelo mundo a partir do século XI, os ciganos sofrem com os preconceitos e discriminações pelo modo de vida nômade que este povo vive. À vista disso, a segregação sócio espacial destes, não é recente, já que desde seus princípios, os ciganos foram afastados de instalarem seus acampamentos nas áreas periféricas das cidades.

Na cidade de Pires do Rio – GO, essa realidade de segregação não é tão diferente, pois através dos dados coletados pelos levantamentos bibliográficos, questionários e uma visita de campo, pode-se perceber que ainda existem diferenças em questões de residirem ainda afastados das áreas de grande movimentação da cidade.

Este estudo teve a finalidade de conhecer e verificar essa temática (Escolas e Ciganos - uma abordagem geográfica na comunidade Piresina), de forma direta nas instituições escolares de Pires do Rio. Se existem até então o preconceito e discriminação nas escolas que estão inseridos as crianças e adolescentes ciganos. Cada cultura é de certa forma resultância de uma história particular, isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes.

Acredita que este estudo será de grande relevância para o meio acadêmico, visto que abrange alguns resultados positivos para as escolas escolhidas, a felicidade adentra por observar que a relação ciganos e não-ciganos apresenta pontos positivos. De certa forma esta pesquisa de conclusão nos proporcionou um leque de possibilidades para um futuro profissional docente, por esta experiência vivida, seremos capazes de trabalhar e entender ainda mais a etnia cigana.

Através dos questionários aplicados nas duas escolas escolhidas para o presente projeto, Escola Sebastião Antônio Leite e Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha, compreendeu-se melhor como é a inserção destes alunos ciganos nestas instituições. Percebe-se que a convivência entre os alunos ciganos e não ciganos apresenta uma convivência tranquila, pelas respostas obtidas dos seis alunos ciganos, um respondeu que foi tratado com desrespeito por outro colega não cigano. Pode-se dizer que felizmente este índice discriminatório é mínimo e pelos resultados obtidos dá a entender que irá cair mais ainda, não generalizando.

O próximo ponto que chamou atenção e boas respostas foram apresentadas, foi o quesito que os três professores responderam que devem estar capacitados e

habilitados a novas culturas. Pois assim, não irão encontrar dificuldades ou uma certa resistência entre eles e os alunos ciganos, já sabendo com qual cultura irão trabalhar.

Um outro fator que merece destaque é a compreensão de como a cultura cigana é manifestada nas escolas. Tanto na Escola Sebastião Antônio Leite, quanto no Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha, observa-se que não encontram problemas devido a cultura cigana, eles respeitam os costumes, não fazem questionamentos aprofundados, eles sabem que quando alguns alunos ciganos não vão a aula é devido alguma festividade, ou funerais.

Observa-se, que mesmo com poucos alunos ciganos em ambas as escolas, ao analisar as questões passadas aos alunos ciganos e não ciganos e aos professores, em uma visão geral, obteve-se positividade nas respostas. Sinal que as pessoas estão sendo mais compreensíveis e humanas, não discriminando e fazendo alguém se sentir menor, deslocada, diferente, desvalorizada devido a sua etnia, raça, cor, religião, sua verdadeira origem.

Não se deve generalizar, pelos questionários nota-se que as coisas mudaram muito, o cigano hoje é mais aceito na sociedade, porém o preconceito ainda vive, com menos vigor, existindo ainda e não é raro as vezes que são injustiçados por fatos que não cometeram e acabam carregando uma culpa por terem uma cultura distinta.

Até quando garantir o acesso à educação ao público cigano se tornará um desafio?

Conforme reflexão e constatação, pesquisa e questionamento em loco construídas, através da observação e resultados colhidos, constata-se que em Pires do Rio –GO garantir o acesso à educação ao povo cigano não é mais um desafio e sim uma porta aberta para eles terem os mesmos direitos que os não ciganos, conseqüentemente crescerem na vida e conseguirem realizar seus sonhos como uma criança e adolescente normal.

Acredito que esta pesquisa acabou possibilitando o estreitamento dos laços entre pesquisador e pesquisados capaz de abrir novas oportunidades para outras pesquisas. O estudo permitiu uma maximização dos resultados, já que possibilitou captar com clareza os aspectos essenciais do fenômeno estudado. Devido aos poucos alunos encontrados nas escolas, abre-se novos horizontes de pesquisa, para assim descobrir o porquê de poucos ciganos na escola.

Desta forma, esta pesquisa corresponde a um documento capaz de deixar registradas as opiniões de três grupos distintos que foram de suma importância para

a realização deste trabalho: os alunos Ciganos, os alunos não ciganos e os professores das escolas escolhidas da cidade de Pires do Rio –GO.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTIS, Alecsandro JP. **Geografia: leituras culturais**. ed. Alternativa. 286p. Goiânia, 2003.

CHINA, José Bonifácio D'Oliveira. **Os ciganos do Brasil: subsídios históricos ethnograficos e lingüísticos**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 1936.

CANDAU, Vera Maria. **Didática e Interculturalismo: uma aproximação**. In: LISITA, V.M.S. e SOUSA, L.F.E.C.P. **Políticas Educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Formação de Professores: concepções e práticas em geografia**. ed. Vieira, 2006.

FONSECA, Isabel. **Enterem-se em pés: os ciganos e sua jornada**. Tradução de José Rubens Siqueira. Título Original: Bury me standing: the gypsies and their journey (1983). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 108113.

MICHELATO, Edna Pereira; BRAGUETO, Claudio Roberto. **O Ensino de Geografia no Contexto da Globalização e Exclusão Social**. Londrina, 2004.

MIRANDA, Iraídes Abadia de Jesus. **Educação e Diversidade – as Crianças Ciganas nas Escolas de Pires do Rio/GO**. 2007. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Geografia. UEG-Universidade Estadual de Goiás UnU, Pires do Rio, 2007.

OLIVEIRA, Marina Aparecida de. **Os Ciganos no Espaço Urbano de Pires do Rio-Goiás**. 2007. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Geografia. UEG-Universidade Estadual de Goiás UnU, Pires do Rio, 2007.

RAMANUSH, Nicolas. Etnicidades Ciganas do Brasil. **Embaixada cigana**, São Paulo. Disponível em: <http://www.embaixadacigana.org.br/etnicidades_ciganas_no_brasil.html>. Acesso em: 1 outubro. 2019.

SANTOS, Virgínea Rida dos. **Espacialidade e territorialidade dos grupos ciganos na cidade de São Paulo**. Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. São Paulo: USP, 2002.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Educação Cigana: entre lugares entre Escola e Comunidade Étnica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada junto a Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 14. ed. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, 1996.

VAZ, Ademir Divino. **José, Tereza, Zélia... e seu Território Cigano**. Anápolis: Coleção Olhares; 1,2010.

VAZ, _____. **O Encontro com o outro – as interculturalidades possíveis entre escola e ciganos**. OPSIS/ Revista do Departamento de História e Ciências Sociais. Dossiê Cultura, Imaginário e Poder. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. v.11. p.271. Catalão, 2011.

APÊNDICES

Câmpus
Pires do Rio



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
Escola e Ciganos uma Abordagem Geográfica na Comunidade Piresina
Questionário

- a) Você gosta de ir à escola? () Sim () Não
- b) Você faz sempre os deveres que a professora pede? () Sim () Não
- c) Algum colega já te tratou com desrespeito por ser cigano? () Sim () Não
Se sim, quais foram os tipos de desrespeito?

- d) Algum professor já te tratou com desrespeito por ser cigano? () Sim () Não
Se sim, quais foram os tipos de desrespeito?

- e) Para você a cultura cigana é respeitada na escola? () Sim () Não

**Obrigado pela
atenção!!!**

Câmpus
Pires do Rio



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Escola e Ciganos uma Abordagem Geográfica na Comunidade Piresina Questionário

- a) Você tem algum preconceito com um colega cigano? () Sim () Não
- b) Se você tivesse colegas ciganos teria algum preconceito? () Sim () Não
- c) Você se relaciona (brinca, faz tarefa) igualmente com um colega cigano e outro não cigano? () Sim () Não
- d) Você conhece a cultura cigana? Se sim, o que conhece sobre ela? () Sim () Não

**Obrigado pela
atenção!!!**

Câmpus
Pires do Rio



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
Escola e Ciganos uma Abordagem Geográfica na Comunidade Piresina
Questionário

- a) Os alunos ciganos, tem mais dificuldade de aprendizagem que os demais colegas?
 Sim Não
- b) Em relação à disciplina em sala de aula, os alunos ciganos tem mais resistência em obedecer os professores?
 Sim Não
- c) Os alunos ciganos tem dificuldades de entrosamento em relação aos demais colegas não ciganos?
 Sim Não
- d) Ao observar os alunos, os não ciganos tratam os colegas ciganos com respeito?
 Sim Não
- e) Ao observar os alunos, os não ciganos tratam os colegas ciganos com desrespeito?
 Sim Não
- f) Para você, os professores precisam estar aptos a novas culturas, para saberem lidar com diferentes culturas em sala de aula?
 Sim Não

**Obrigado pela
atenção!!!**